



A CRENÇA NA CRUZ DA ESTRADA VELHA NA COMUNIDADE DE ALTO PALMITAL - PR: UM ESTUDO DE PRÁTICAS COLETIVAS A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO E INSTITUIÇÃO DE CRENÇAS LOCAIS

Me. Ed Carlos da Silva PG-UEM/PPH-UEM, ed1avlis@yahoo.com.br
Dr. Solange Ramos de Andrade (OR) DHI/PPH-UEM sramosdeandrade@gmail.com

O espaço encantado de Alto Palmital é regido por um conjunto de crenças coletivas instituídas historicamente entre seus moradores. Nessa localidade, os eventos incomuns, constituídos por personagens assombrosos, ocupam lugar privilegiado nas narrativas dos moradores. Os diversos palcos onde os enredos são encenados apresentam cada um deles, uma unidade espacial definida, que estabelece a especificidade do lugar onde cada evento ocorre.

Nesse sentido, encontramos em Alto Palmital a crença na Cruz da estrada velha. Está crença constituída na década de 1960 tem seu marco fundador a partir do acidente ocorrido no local, que produziu a morte de um jovem rapaz. Mas quais são as especificidades dessa localidade que permitiram a constituição e instituição da crença que iremos tratar?

Aberta na década de 1950, a Estrada Velha liga a Vila nascente ao Barrerão¹. A extensão do percurso de dez quilômetros cortava a paisagem natural e criava as condições para deslocamento mais rápido de pessoas e mercadorias.

Durante as décadas, de 1950 e 1960, esse foi o único percurso utilizado para transporte, comumente feito a pé, a cavalo, carroção e, esporadicamente, veículo motorizado. Foi durante o transporte de madeira realizado por um caminhão que ocorreu o evento que originou o espaço fantástico na porção da estrada onde ocorreu o acidente.

Na década de 1960, o senhor Altino transportava madeira, em seu Chevrolet 51, de Alto Palmital para Boa Esperança. Na saída da Vila, a estrada possuía uma forte inclinação de, aproximadamente, trezentos metros. Quando o caminhão iniciou a descida da baixada, estava em cima da carroceria, sobre as toras, um rapaz conhecido como Ditinho. Logo no começo, o caminhão teve uma falha no seu sistema de frenagem e seguiu em alta velocidade estrada abaixo. No sentido contrário, no momento em que o velho Chevrolet 51 ficara sem freio, vinha um caminhão Mercedes conduzido pelo senhor Antonio Português. Ao avistar o veículo sem controle e tentar desviar, o senhor Altino provocou o tombamento

¹ Barrerão, hoje Boa Esperança, sede do Município, foi à primeira denominação do local. O termo adotado expressava as condições do terreno nos dias em que chovia.

do caminhão que dirigia. O Ditinho² que estava na carroceria, sobre as toras, foi jogado no barranco da estrada, juntamente com a madeira, sendo esmagado por elas³.

No local do acidente, foi colocada uma pequena cruz de madeira, ornamentada por uma coroa de flores, em meio a um modesto altar com rosário e velas. Na localidade havia uma reserva florestal, hoje composta na maior parte por eucaliptos, estendida por cerca de duzentos metros no curso da estrada.

De acordo com o senhor Alcídeo Araujo⁴ foi após o evento com o caminhão de toras que os relatos sobre personagens fantásticos começaram a ser feitos do trecho da Estrada Velha. Antes, segundo o depoente, existiam relatos sobre acontecimentos assombrosos em outras localidades, mas não recorda que houvesse qualquer menção a fatos dessa natureza nesse trecho.

Ali, depois que puseram uma cruz, lá no meio do calipiá, a turma passou a falar que tinha uma assombração. Mas não era daquele cara não, era outra coisa que tinha ali. Eu nunca vi. Mas, o tal do Geraldo Manduco que morava ali perto, uma vez, ele vortando do Palmitá, de cavalo, cotucaram o animal dele que ele se viu loco ali, naquele lugar. Ele veio, ali, na venda do Furkim e ia descendo, de noite, e os bichos cotucou ele e o cavalo começou querer disparar com ele. O Geraldo Manduco morava ali, do lado de cá da aguinha. Ali, onde o Horácio mora. Era dele ali. Ele contou isso pra mim e contava pra todo mundo. O bicho cotucou ele ali. E o cavalo ficou loco de tanto cutucão que os coisas dava. Foi quando ele vortava do Palmital pra casa dele. Logo depois da cruz. (Alcídeo Araujo, 70 anos).

Os episódios sobrenaturais envolvendo o lugar denotam os mais diferentes acontecimentos. As representações dos moradores dão conta de uma diversidade de fatos que descrevem diferentes personagens. Da manifestação da entidade do jovem acidentado, e de outras pessoas, a ação do Saci, Lobisomem e outras formas de representações assombrosas, como cachorros e cavalos, esses seres provocaram emoções que apavoraram muitas pessoas. Para Priore, não foram poucos os que se deixaram seduzir por monstros e criaturas fantásticas. Testemunhos de mentalidades e visões de mundo, esses personagens acompanham a humanidade há séculos e pode-se dizer que chegam até mesmo a fazer parte dela (PRIORE, 2000).

A combinação de fatores, a exemplo de uma morte trágica, o monumento católico construído no local, a unidade natural adornada por uma vegetação densa e o simbolismo cristão instituído nesse universo cultural produziram o espaço natural apropriado pelos seres

² O nome das pessoas citadas de forma parcial se deve ao fato dos depoentes não lembrarem o nome completo dos implicados no acidente.

³ Construímos essa narrativa a partir dos depoimentos coletados entre os moradores com idade superior a sessenta anos.

⁴ O Senhor Alcídeo Araujo presenciou o acidente juntamente com sua esposa, Luzia Araujo, quando se dirigiam para casa da família Cardoso, próximo a comunidade do Lajeadozinho.

mágicos, e sedimentaram as bases para caracterização do ambiente que compreende esse trecho da Estrada.

O desenvolvimento dessa crença tem nas falas dos moradores o ingrediente que a produziu, a instituiu e a alimenta há décadas. Cada evento favoreceu para valorização dos significados que lhe foram atribuídos. As notas mais elaboradas ou mais simples que tratam da questão possuem, no interior da comunidade, o atestado de certificação do dito. Embora ocorram algumas distorções nos depoimentos acerca do evento original e a imprecisão de datas e nomes, os pontos comuns validam o acontecimento fundador, bem como as narrativas que produzem temor em razão dele. As narrativas, portanto, são categorias que particularizam a criação e, por isso, têm nessa localidade os elementos próprios para sua compreensão (ELIADE, 1991).

No depoimento do senhor Alcídeo Cardoso e de sua esposa Nair Oliveira, o trecho da mata de eucaliptos é também caracterizado como fantasmagórico. No entanto, os acontecimentos dos quais decorrem as representações recobram lembranças que singularizam sua construção a partir do fato ocorrido com o jovem no acidente no caminhão de madeira.

O povo, aqui, falava muito de assombração. Tinha aquele caminho ali, por dentro do Horácio, e tinha aquele decidão, perto do Palmitá. Um dia, o caminhoneiro foi lá compra umas toras. Madeiras de caminhão, sabe? E, naquele descidão, o caminhão perdeu o freio. Perdeu o freio e desimbestou, sabe? E, aquelas toras, não sei se foi o cabo de aço que arrebentou, e aquelas toras rolaram e caíram em cima do comarada e matou ele. Aí, com uns tempos, já existia aquela estrada por fora, onde hoje é asfaltado, e a turma usava, ali por dentro, a Estrada Velha, que era mais perto do Lajeadinho a Palmitá. Quando foi um tempo, a turma começou a dizê: “oia, quando a gente passa ali, onde o homem morreu, lá a gente ouvi grito, o homem que morreu grita lá e a gente escuta, rapaz”. E eu passava lá de dia, mas quando era de noite dava arrepio passar por lá. Ali, morreu um só no acidente. Bem onde colocaram a cruz. Então, falavam aquilo, rapaz. Um dia, eu e o cumpadre Otávio, e eu falei: “cumpadre Otávio, nós precisamos ir. O senhor concorda em ir por aqui, (Estrada Velha)?” E ele dizia: “se você quisé, passa, nós passa, mas nós passa de cabelo arrepiado”. Aí, um dia, nós saímos pra tomar umas cuibicas (cachaça). O cumpadre Távio era beberrão e eu acompanhava ele. Aí chegava na hora de vim embora nós falava: “vamu tomá uma pra dá coragem de passá nos calipial”. Certa vez, ma, num otro dia, ali pela Estrada Velha, perto da cruzinha, tinha um areião, e eu falei pro cumprade Otávio: “cumpadre Otávio eu não acredito muito que tem assombração ali!” E ele disse: “eu também não acredito e, se o senhor quiser passar por ali nós vamú! Com medo, mais vamú!” E passamo. Só ouvimo grito de grilo, mais gente nada! E, depois disso, a gente sempre passava por ali e nunca vimo nada. Mas, só ia quando tava nós dois ou em turma. Sozinho eu preferia vim pela otra estrada. O povo, tamém, rapaz! Morria tudo de medo de passar por ali! (Alcídeo Cardoso, 83 anos).

Dona Nair Oliveira, acrescenta:



O Genival, quando vinha de noite passando por ali, naqueles calipiá, diz que vinha um cachorro preto atrás dele e era esquisito. Disse que ele andava, andava ligeiro e aquele cachorro atrás dele. Disse que quando ele tava perto da casa dele o cachorro tava perto, mas ele entrou e acendeu o lampião e aquele cachorro desapareceu. Ele ficou morrendo de medo. Minhas meninas, todas a meninas dali, vindo por onde veio o Genival, viram um bando de cavalo estranho vindo atrás delas. Elas olhavam pra trás, correndo e viam que era uns animal. Mas era uns negócio estranho, acompanhando eles. Até chegá pertinho da casa e elas morrendo de medo. O Genival conto muito isso. Ele e as minhas meninas viram muita coisa ali. (Nair Oliveira de Lima, 80 anos).

Os depoimentos descrevem as categorias de personagens envolvidos, os sentimentos que a comunidade desenvolve sobre eles e o local em que estão situados. Mesmo tendo passado, aproximadamente meio século, entre os eventos relatados e o depoimento coletado, as expressões que caracterizam as narrativas manifestam as imagens que marcam as lembranças sobre o trecho. Por esse motivo, “o decidão, o areião, o calipiá, os grilo cantando, o cachorro preto, o bando de cavalo” são imagens preservadas pela memória que caracterizam as narrativas do casal.

Essas imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado, que recorda com saudade um tempo que acabou. Expressam tudo que poderia ter sido, mas não foi, retratando com saudosismo toda existência que cessou e o pesar de não viverem na paisagem e no tempo evocados pelas recordações (ELIADE, 1991). As narrativas do casal constituem, portanto, muito mais que histórias sobre a crença, mas a própria história de vida desses depoentes e sua relação com acontecimentos sobrenaturais.

Em Alto Palmital, o círculo familiar foi o espaço próprio para disseminação das narrativas. Podemos até mesmo dizer que os momentos em que se contavam histórias de assombração constituíam oportunidades de lazer que serviam para reunir a família, sendo aguardados com ansiedade por seus membros. Dessa forma, o seio familiar tornou-se um terreno fértil para essas histórias.

No interior dessa instituição, as narrativas adquiriam forças capazes de atraírem a atenção dos ouvintes, em virtude da afinidade de seus componentes. A fala dos avós, pais ou aparentados com maior idade conferia às representações significado incontestado nesse núcleo social. O costume existente personifica o modelo de transmissão adotado, que permitiu a construção de suas crenças. A apropriação, resultante desse processo, favoreceu a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações referidas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem (CHARTIER, 2002).

Nos depoimentos, em grupo ou individuais, o tratamento conferido ao trecho da mata como fantástico é pertinente à quase totalidade dos entrevistados. Os aspectos que



caracterizam essa reserva de floresta como encantada transpuseram gerações e no interior de muitas famílias encontramos os sinais dessa herança. Nem mesmo as transformações ocorridas na reserva alteraram os sentimentos em relação a ela. É como se houvesse no coração da mata alguma força que se mantém irreversivelmente estranha, impenetrável, resistente e possibilita a ela manter sua essência imaterial (SCHAMA, 1996).

Entre os depoentes com idade de dez e dezessete anos, as ressalvas feitas à mata potencializam essa compreensão, mantendo atuantes os dispositivos que alimentam a mentalidade acerca do incomum. Para muitos, a presença de criaturas sobre-humanas na pequena reserva se tornou tão natural quanto a própria paisagem. Fato que contribuiu para a manutenção da crença e da mesma forma a preservação da reserva. A mata, assim, resulta em uma espécie de fortaleza natural onde a crença se mantém.

Alguns jovens disseram sentir receios ao passar pelo local, até mesmo durante o dia, enquanto outros simplesmente se negam passar por ele desacompanhados durante a noite. Sentimentos semelhantes encontramos entre os adultos. Em ambos os casos, os temores reconhecidos têm seu campo delimitado aos eventos incomuns.

Como uma instituição, pertencente a esse lugar social, os temores a respeito da crença são representados entre as diferentes pessoas da comunidade. Mãe e filha descrevem, assim, os sentimentos que possuem:

Tem essa história dos eucaliptos. Toda vez que eu ia pra escola e passava por ali, eu tinha medo. Isso logo de manhã. Nem eu, nem minhas amigas passávamos. Éramos sempre em cinco que combinava de nos encontrar lá no alto da cabeceira do sítio do papai. Era eu, o Euzébio, Baiana, Solange e o Nenê e nenhum tinha coragem de passar sozinho. Isso, eu tinha uns 13, 14 anos. Quando eles não iam pra escola, meu pai tinha que me levar, porque tinha a cruz lá. Tinha morrido um homem lá, há muito tempo, e o meu medo era de gente morta. O papai dizia que onde tinha cruz era abençoado. Mas, não tinha jeito, ele acabava acordando bem cedo pra mim levar. Até, teve uma vez, a gente viu assim. Puseram uma placa, junto da cruz, e escreveram nela "DESVIO", e tinha uma vela acesa. Mas, quem fez, fez muito mal feito porque o S ficou parecendo um cinco e tinha um matinho cobrindo o D e o E. E quem olhava só via assim: 5 VIO. E nós estávamos em cinco. O Euzébio, era mais danado, olhou aquilo e mostrou. Quando o resto viu aquilo todo mundo saiu correndo. E eu era magricela e não aguentava correr. A sorte é que o Brás tava indo com um carroção e nós pulamos dentro. E, ele perguntou assim: "do que vocês estão correndo"? E nós contamos aquilo pra ele. Hoje, eu já não tenho muito medo. Eu superei um pouco, mas só um pouco. Lá, sozinha, de noite, eu não passo. Nem de moto. Ainda tenho um certo receio de andar sozinha por aí, de noite. Mas aquele medo que eu tinha não tenho mais. (Vera Lúcia de Almeida Brustulin, 44 anos).

Morro de medo das história que o povo conta sobre assombração, credo! Da história da cruzinha da Estrada Velha, então! Eu não tenho coragem nunca de andar sozinha, à noite, nessa estrada, por causa das assombração. Esses tempos, tava eu, a Denize e a Ariane vindo de Palmital e, toda vez que a gente passa lá perto da Paulina, perto do mato dos



eucaliptos, tá aquele cheiro ruim. Aí, falaram que tem uma pessoa que tinha morrido lá. Eu não passo mais lá porque tenho medo. Nem de dia eu gosto muito de passar. (Luana Natali Brustulin, 14 anos. Janeiro de 2008).

Encontramos nos dois depoimentos alguns aspectos comuns a respeito da crença. As representações demonstram elementos que há décadas vêm sendo apropriados e preservados pelas diferentes gerações. A descrição de Vera Almeida demonstra como o sentimento pavoroso quanto ao trecho nutriu e nutre seu interior atormentado pela crença. Como ela nos revela, “ainda tenho um certo receio de andar sozinha por aí de noite”.

Objetos comuns, como a cruz, se fazem presentes no ordenamento das representações dos depoentes. No caso das famílias Brustulin e Cardoso, o simbolismo legado a este objeto cristão serve de ponto introdutório às narrativas sobre o lugar. Não houve, entre os entrevistados, nenhuma referência a essa crença que não mencionasse a cruz.

A cruz, imagem preservada na memória dos depoentes, é parte do espaço onde foi plantada na década de 1960. No decorrer do tempo, se tornou um objeto indissociável do local, sendo pouco provável que se faça referência à mata sem que se conceba citá-la. Esta, habilmente se integra à paisagem do lugar, onde simbolicamente se torna, ao mesmo tempo, suporte à redenção e imagem à condenação (SCHAMA, 1996).

Como objeto de adoração da cristandade católica desperta sentimentos que traduzem a ideia do *numinoso*⁵. É no interior da instituição religiosa que a cruz possibilita reflexões que remetem a princípios de admiração e temor. Do calvário que estabelece a lembrança da dor e sofrimento como percurso para redenção e alcance da salvação, a cruz foi erigida como centro dos desígnios do homem católico. Essa dualidade sobrepõe-se à forma como muitos concebem esse símbolo e fortalecem o sentido de compreensão que definimos como *muninoso*.

Constituído no seio da instituição religiosa, esse entendimento dual do objeto sacro é expresso nas práticas adotadas em relação a ele no local onde está situado e cuja presença permitiu a construção do ambiente assombrado. O evento trágico ocorrido na década de 1960 foi perpetuado como história em decorrência dos significados operados pelas pessoas a partir desse símbolo da cristandade romana.

A presença da cruz, mais que o próprio acidente, originou e manteve viva, naquela localidade, a crença da qual é parte. A partir disso, foram estabelecidos os limites para as

⁵ O sentido de *numinoso*, utilizado por Rodolf Otto na obra *Das Heilige* (1917), “refere-se ao sentimento de pavor diante do sagrado, diante do que afirma como *mysterium tremendum*, da magestas que exala uma superioridade esmagadora de poder; que encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser” (ELIADE, 2001, p. 16).



interdições observadas nas práticas dos moradores. Nelas, as referências sobre a cruz que expressam admiração são notadamente superadas pelas referências que expressam medo.

O espaço, conjugado pela cruz e pelas árvores, nos permite retomar a discussão dos mitos e símbolos que caracterizaram a questão religiosa. O simbolismo da Árvore Cósmica, das tradições indianas, que saindo das profundezas da terra santificou até os confins do universo, é relacionado à cruz, símbolo da cristandade católica (ELIADE, 1991).

Elos entre a terra e o céu, cruz e árvores, tiveram preservados pelo tempo muitos de seus mistérios. A história, assim, não conseguiu modificar radicalmente a estrutura do simbolismo circunscrito a esses dois elementos.

A cruz feita de madeira da Árvore do Bem e do Mal, toma o lugar da Árvore Cósmica; o próprio Cristo é descrito como uma árvore (Orígenes). Uma homilia do pseudo-Crisóstomo evoca a Cruz como uma árvore que sobe da terra aos céus. Planta imortal, ela se ergue no centro do céu e da terra; firme sustentáculo do universo, laço de todas as coisas, suporte de toda terra habitada, entrelaçamento cósmico que compreende em si toda gama da natureza humana (ELIADE, 1991, p. 162 - 163).

A cruz e a mata possibilitaram a dotação de sentimentos que assinalaram o isolamento em que ambos estão situados. Tal fato aumenta a sensação de angústia daqueles que sentem desconforto por esta paisagem, que ao mesmo tempo é sacra, profana e fantástica. “Toda nossa tradição em relação a paisagem é o produto de uma cultura comum, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões” (SCHAMA, 1996, p.24).

Quando as pessoas passam pelo local, a extensão da mata estabelece o percurso de assombro dos transeuntes. Porém, o centro do desconforto é marcado exatamente no ponto onde está situado o objeto sacro. O incômodo dessa presença resultou em eventos angustiantes, como sinalizam os relatos. Essa dinâmica de comportamentos adotados expõe a força dos temores em detrimento à admiração, como resultado da constituição e instituição das representações entre os moradores.

Nos depoimentos, verificamos comumente a utilização do dito “de frente da cruzinha”. A expressão reforça o caráter das representações acerca do símbolo e do significado dotado a ela em decorrência do sacro. Tais menções à cruz são observadas em outros relatos.

Aqui, se contava muita história de assombração. Uma tia minha, a finada Cosme, eles morava em Palmital e, num dia de domingo, eles veio almoçar aqui em casa. Nós morava aqui embaixo. E, já tinha acontecido aquele acidente com um caminhão de tora ali. E a muê vinha vindo com as meninas de lá pra cá e, bem em frente da cruzinha, ela diz que viu aquele ronco de caminhão rolando de atrás deles. Essa muê chegou a desmaiar, no meio da estrada! Ela disse que desceu aquele puerão atrás dela e ela disse: “é o caminhão que vem vindo!” E virou aquele curreirão e tudo mundo assustado. Chegaram aqui tudo assustado, de tanto correr e disse que era a



assombração que tinha visto. Tava a véia e mais duas meninas. Tudo assustada! Ela disse que o caminhão de tora ia pegá eles. De noite, a turma ia pro Palmital e via aquele farolão de fogo correndo por cima deles, assim. Passava ali e via aqueles clarão, tochão de fogo, passando por cima deles. E pro se vê! Eles falava essas coisas. E eu mesmo nunca vi. Também não abusava e não vou dizê que não existia. Mais ali eu nunca vi. (Pedro Martins da Silva, 65 anos).

Como uma crença coletiva, as sensações de horror e medo que ela produz apresentam caráter coletivo, proporcionando movimento a trama e as representações elaboradas em decorrência dela. O senhor Cardoso e suas filhas, Vera Brustulin com seus amigos e filhos, a tia e primas do senhor Pedro Martins demonstram como essa experiência de grupo nutre e potencializa a narrativa de cada depoente, uma vez que a fala é materializada nas ações de espanto dos atores sociais.

Por isso, os moradores de Alto Palmital e seu entorno estabeleceram um recorte claro do espaço mágico. Os nomes e sobrenomes dos indivíduos, implicados nos eventos, apresentam uma face, que normalmente se revela emoldurada pelo assombro. Assim, a crença desenvolveu-se munida de um sentimento que leva as pessoas a conceberem aquilo que sua mente formulou, o que podemos denominar de realidades inverificáveis, substanciando comportamentos que indicam uma relação de força e domínio do imaterial face ao concreto (PRANDI, 1997).

Embora possamos perceber algumas variantes nas narrativas sobre os eventos, que evidenciam o tratamento dado pelos depoentes, esta questão se mostra ainda mais clara quando analisamos o relato a partir da fala do ator implicado, ou quando ouvimos a narrativa pela fala daquele que se apropriou dela.

Em relação à primeira, como podemos perceber no depoimento de Vera Brustulin a descrição é apresentada com uma riqueza de especificidades, nomes dos participantes, gestos realizados, fala dos atores, com as quais nossa imaginação pode elaborar em detalhes a cena do evento. A narrativa é mais ilustrada e a dinâmica do acontecimento perde em dramaticidade diante da fala representada.

No segundo caso, demonstrado no depoimento do senhor Pedro Martins, sobre o evento ocorrido com sua tia e primas, o relato é mais tenso, sem apresentar a riqueza de detalhes observados no primeiro caso. A narrativa é mais objetiva, sendo o acontecimento exposto sem grande extensão do percurso discursivo, entretanto, o evento ganha em dramaticidade. Nela, expressões como “Essa mué chegou a desmaia no meio da estrada” são utilizadas para descrever a tensão que o narrador busca demonstrar no acontecimento. A trama descrita procura tratar das angústias dos atores envolvidos, revelando, além desses sentimentos, certa dor e sofrimento diante do ocorrido.



As representações dos depoentes implicados diretamente nos acontecimentos ou não implicados, nos oferecem uma pista de como essa crença foi sendo transmitida e apropriada entre os moradores, descrevendo um exercício permanente de prática histórica.

As crenças mágico-religiosas, portanto, não constituem simplesmente o inexplicável vestígio do arcaico, mas, pelo contrário, apresentam-se como instituições culturais capazes de vencer a “crise da presença” individual e coletiva e de assegurar ao grupo, não redimido pela racionalidade da autoconsciência política, as condições culturais mínimas da sua continuidade histórica (PRANDI, 1997, p. 251).

Essa prática cultural favoreceu a formação de uma identidade narrativa a respeito do tema, o que presenciamos nos círculos sociais e familiares da extensão comunitária, elaborada ao longo de décadas, a partir do evento fundador. Em decorrência disso, uma pluralidade de histórias a respeito desse trecho da estrada foram apropriadas e representadas.

Logo, esta crença remete ao princípio de construção e reconstrução permanente de seus significados. A situação histórica atual não implicou em seu desmantelamento, pois esta é pertinente à condição humana existente, que por sua vez é regida por um sistema de comportamentos que formularam as práticas sinalizadas nos depoimentos (ELIADE, 1991). As práticas, portanto, são concretas, pois são resultantes de narrativas verdadeiras e concebidas a partir de crenças verdadeiras para essa comunidade.

Por essa razão, as narrativas mais particularizadas desse espaço engendram peças que dão funcionalidade e sustentam a crença. Os relatos singularizados tecem os fios que passam a fazer parte da teia complexa que emoldura e representa os enredos sobre ela. Esse dispositivo de transmissão possibilitou às pessoas tomarem conhecimento da crença. Muitos pela apropriação das experiências sobre o lugar, outros pela vivência da experiência no lugar. Em ambos os casos os sentimentos de pavor gerados por tais experiências marcaram e caracterizaram historicamente o local como fantástico. Quanto à apropriação das experiências sobre o lugar, observemos a narrativa que segue;

Lá, na estradinha, nos eucaliptos, de dia, eu passava bastante por lá sozinho, mas de noite não. A turma falava que ali era mal assombrado e a gente passava ali com um pouco de medo. Ah! Passava, né? Não tinha jeito. Quando ia eu e o Osmar pra escola, à noite. Pra ir ainda tava meio de dia e a gente passava mais sossegado, mais de noite, pra voltar, passava com um frio na barriga. A gente tinha medo de ver alguma assombração ali. Alguma coisa estranha, alguma pessoa, sei lá! Dava sempre um frio na barriga. (Claudiomar de Almeida, 37 anos).

Quanto à vivência da experiência no lugar, temos:

Ali, naquela baxada, onde tem a cruzinha ali, um dia, pra não falar que não vi nada, no tempo que eu estudei e andava a pé, naquela baxada ali, um dia, não foi eu só que vi, eu, o Miro, a Alessandra, a Rosimere, o Geno, a



Eliane, nós vinha vindo naquela turma que estudava à noite e tinha uma luz ali. Parecia com uma vela acesa, no meio do mato, no pezinho do calipito que tinha uma cruz. Eu lembro que tinha uma cruz e tinha uma vela acesa no meio do capim. Mais nós saímos num correrão porque nós não vimos a vela, só via o fogo. Mas como ia pô a vela no meio do colônã, no meio do capim seco e não ia pegá fogo em tudo? Eu vi, o Miro viu. Todo mundo viu, mais ninguém falou nada. Ficamos tudo quieto com medo de assusta os outros. Aí acho que fui eu que falei: “ali, oia uma luzinha ali!”! Más pra quê, rapaz!”! Saiu todo mundo em disparada, um atropelando o outro, a Alessandra caiu no meio da estrada. Foi um trupe! (Claudinei José da Silva, 33 anos).

A percepção dos depoentes de um espaço sob a influência das forças simbólicas expressa as sombras e os medos constituídos por esta sociedade como decorrentes da instituição da crença (ELIADE, 1991).

Essas experiências com o sobrenatural influenciaram o desenvolvimento de receios, bem como, a adoção de procedimentos que serviram à promoção do bem-estar dos indivíduos. Nesse caso, a caminhada solitária pelo percurso, durante a noite, foi um comportamento abolido para muitos dos entrevistados.

Ainda que vários depoentes nunca tenham testemunhado qualquer evidência que comprove alguma das menções sobre a crença, é notável entre os entrevistados a influência que ela exerceu. Sua manutenção, portanto, tem na transmissão oral e nas práticas cotidianas a fonte de alimentação e coletivização. Fato evidenciado nos sentimentos e atitudes adotados por muitos moradores.

As imagens concretas do ambiente, as imagens construídas sobre ele pelos moradores e os símbolos pertinentes a ele colaboraram para o desenvolvimento de uma cultura aberta à aceitação da crença. As imagens do lugar – cruz e mata – revelam um canal de abertura para um mundo trans-histórico, onde as diversas “histórias” sobre essa crença podem se comunicar nessa localidade (ELIADE, 1991).

Por esse motivo, o papel das imagens construídas pelas pessoas sobre um trecho pelo qual raramente passam, mesmo vivendo na região há décadas, coloca em evidência o simbolismo atribuído ao local. Há nesse caso a preservação de uma memória que não permitiu a transformação dessa paisagem e a mantém, em um universo de representações, tal como era no passado.

A referência aos eucaliptos estabelece a paisagem natural preservada nas recordações de vários depoentes. As lembranças das pessoas com idade acima dos quarenta anos ainda identifica a reserva com traços paisagísticos relacionados a episódios significativos de suas vidas na adolescência. Para Schama (1997), essa característica reflete uma paisagem resultante das elaborações da mente.



E, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto estrato de rochas (SCHAMA, 1997, p. 16-17).

A mata e a cruz emolduram o dueto que nutre de símbolos a mente que dá sentido a crença. Atentar ao contorno fantasmagórico que a paisagem inspira, ainda que sob o desconfiado olhar contemporâneo, assemelha-se a perceber a permanência expressiva dos mitos que alimentaram a produção dessa história.

Essa tendência do homem em antropomorfizar a natureza (TUAN, 2005), indica como é pertinente ao ser humano acrescentar à ela atributos que não são próprios dela e por isso, os moradores atribuíram e consideram a presença de criaturas sobre-humanas nessa reserva. A mentalidade dos indivíduos legou ao trecho da Estrada Velha todos os componentes necessários à elaboração de histórias fascinantes, que têm no apelo ao fantástico o cerne que colaborou para construção de crenças e normalização de práticas e desta forma serviu a constituição da própria história da comunidade.

Referências

CHARTIER, Roger. **À Beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, M. M; AMADO, Janaina (Org). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI e XVIII). São Paulo: Cia das Letras, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.



URBAIN, Jean Didier. Morte. In: ROMANO, R. (dir) Enciclopédia: vida/morte – tradições – gerações. v. 36. Lisboa: Einaudi; Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1997. p. 381 – 413.